

## Entrevista

---

# Entrevista com Darley Goulart, Educador de Línguas de Sinais do Hand Talk App Hands Up<sup>1</sup>

## Biografia do entrevistado

**Darley Goulart** é uma pessoa surda e tem a Libras como primeira língua. É **doutorando em Letras** pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com foco em Inteligência Artificial e Línguas de Sinais. É **mestre em Educação Bilíngue** (Libras/Português) pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), **especialista em Libras, graduado em Produção Multimídia** pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e atualmente também cursa **Letras-Libras EaD** pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Atua há 3 anos na Hand Talk como **Educador de Línguas de Sinais**, integrando a equipe de **Linguística** e de Conteúdo do módulo do Hand Talk App **Hands Up**. Seu trabalho envolve curadoria de sinais, análise linguística, produção de conteúdos educacionais em Libras, acessibilidade digital e apoio ao desenvolvimento de soluções tecnológicas voltadas à inclusão linguística de pessoas surdas.

Sua trajetória reúne experiências como educador bilíngue, pesquisador, produtor multimídia, UX Designer em acessibilidade, tradutor e artista surdo, com atuação em temas relacionados à Libras, educação bilíngue de surdos, cultura surda, tecnologias assistivas, inteligência artificial e produção audiovisual em Línguas de Sinais.

**1. Para começar, gostaríamos de agradecer a oportunidade deste diálogo. Muitas pessoas conhecem a Hand Talk principalmente pelo aplicativo de celular, mas a empresa é muito maior, oferecendo diversos serviços para indivíduos e organizações. Poderiam nos contar um pouco mais sobre a natureza e a abrangência de atuação da Hand Talk?**

A Hand Talk é uma empresa de tecnologia voltada à acessibilidade digital e linguística, com foco principal na aproximação entre pessoas surdas e ouvintes por meio de soluções em Línguas de Sinais. Muitas pessoas conhecem a Hand

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada por e-mail por Felipe Gonçalves Figueira, da Comissão Executiva da Revista Arqueiro, entre os meses de maio e junho de 2026.

Talk pelo aplicativo de celular, mas a atuação da empresa é mais ampla e envolve diferentes frentes de trabalho.

Hoje, a Hand Talk pode ser compreendida como uma plataforma de acessibilidade. Temos o **Hand Talk App**, que funciona como uma ferramenta de tradução e aprendizagem de Línguas de Sinais no dia a dia; o **Hands Up**, trilha de aprendizagem dentro do aplicativo, voltada ao ensino de sinais de forma interativa; e o **Hand Talk Plugin**, solução corporativa que torna sites e plataformas digitais mais acessíveis, com tradução automática para Línguas de Sinais e outros recursos assistivos.

Além da tradução para Libras e outras Línguas de Sinais, a empresa também tem ampliado sua atuação em acessibilidade digital para diferentes perfis de usuários, incluindo pessoas com baixa visão, pessoas neurodivergentes e pessoas com dificuldades de leitura. Assim, a Hand Talk não atua apenas como um aplicativo, mas como **um ecossistema que conecta tecnologia, acessibilidade, educação, comunicação e inclusão.**

## **2. Como surgiu a ideia de criar soluções em comunicação e tecnologia da informação voltadas à acessibilidade e à inclusão de pessoas surdas e de outras pessoas com deficiência?**

A Hand Talk nasceu da percepção de um desafio que, muitas vezes, ainda é invisível para a sociedade: a barreira linguística enfrentada por pessoas surdas e deficientes auditivas no acesso à informação. A empresa foi criada em 2012 por **Ronaldo Tenório, Carlos Wanderlan e Thadeu Luz**, com a missão de usar a tecnologia para quebrar esse tipo de barreira.

O lançamento oficial do **Hand Talk App** aconteceu em 2013, marcando um passo importante para levar a tradução automática para Libras ao cotidiano das pessoas. Desde o início, a motivação principal foi criar uma ponte de comunicação, especialmente considerando que muitas pessoas surdas têm a Língua de Sinais como primeira língua e que existe uma grande diversidade de trajetórias linguísticas dentro da comunidade surda. Muitas pessoas surdas têm o português como segunda língua, com diferentes níveis de proficiência e experiências de aprendizagem. Essas diferenças estão relacionadas a diversos fatores, incluindo o acesso desigual à educação bilíngue de qualidade e a ambientes educacionais acessíveis, nos quais a Libras seja reconhecida e utilizada como língua de instrução e base para a aprendizagem de outras línguas, como o português escrito.

Com o tempo, essa proposta foi crescendo. A Hand Talk passou a atuar também com soluções para empresas, órgãos públicos, instituições de ensino e plataformas digitais. O objetivo continuou o mesmo: ampliar o acesso à informação,

fortalecer a autonomia das pessoas surdas e apoiar organizações na construção de ambientes digitais mais acessíveis.

### 3. Vocês poderiam compartilhar alguns números de impacto da Hand Talk hoje, como quantidade de pessoas alcançadas, de traduções realizadas ou de conteúdos acessibilizados?

A Hand Talk tem muito orgulho do impacto construído ao longo dos anos. Segundo dados institucionais divulgados pela empresa, o Hand Talk App já ultrapassou a marca de **10 milhões de downloads** e o ecossistema da Hand Talk já superou **mais de 1 bilhão de palavras traduzidas**. O aplicativo também recebeu reconhecimento internacional, sendo eleito como **melhor aplicativo social** do mundo em 2013, em premiação vinculada à ONU.

No campo corporativo, o Hand Talk Plugin mostra como a acessibilidade digital pode gerar impacto em grande escala. Um exemplo importante é a parceria com a Gupy. Em menos de um mês após a instalação do plugin, foram registradas **mais de 1,4 milhão de palavras** traduzidas para Libras e **mais de 31 mil pessoas** usuárias ativas na página inicial. Em materiais posteriores sobre o case, a parceria já aparece com números acumulados ainda maiores, demonstrando a continuidade e o crescimento do uso da solução.

Esses números mostram que a acessibilidade não é apenas uma pauta simbólica. Ela gera uso real, amplia o alcance da informação e ajuda pessoas surdas a acessarem serviços, oportunidades e conteúdos com mais autonomia.

### 4. Como vocês enxergam o potencial dessas tecnologias de acessibilidade para os contextos de atendimento ao público, educação, serviços públicos e também para o setor privado?

Enxergamos a tecnologia como uma ferramenta de inclusão, não de substituição. O potencial dessas soluções é muito importante, principalmente quando pensamos em situações simples, rápidas e cotidianas de comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. Em atendimentos de baixa complexidade, como tirar uma dúvida inicial, localizar uma informação, compreender uma orientação básica ou acessar um conteúdo digital, ferramentas como aplicativo, plugin e recursos assistivos podem ajudar a reduzir barreiras e tornar a comunicação mais acessível.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que nem toda situação de atendimento pode ser resolvida por uma tecnologia de tradução automática. Existem contextos sensíveis, complexos ou que envolvem decisões importantes, como saúde, justiça, contratos, atendimento psicológico, denúncias, conflitos e

outras situações delicadas, que exigem cuidado, responsabilidade, mediação adequada e profissionais qualificados. Por isso, a tecnologia deve ser compreendida como recurso de apoio à acessibilidade, e não como solução única para todos os contextos.

Na educação, essas ferramentas também podem contribuir como apoio ao estudo e à aprendizagem. Estudantes surdos podem consultar sinais, revisar vocabulário, acessar conteúdos digitais e ampliar sua autonomia. Pessoas ouvintes, por sua vez, podem usar esses recursos para se aproximar da Libras, aprender sinais básicos e desenvolver mais sensibilidade para a comunicação com pessoas surdas.

Nos serviços públicos e no setor privado, o potencial também está na formação de uma cultura mais acessível. Além de oferecer recursos tecnológicos, as instituições precisam preparar suas equipes, orientar funcionários e incentivar o aprendizado da Libras, especialmente em espaços de atendimento ao público. Assim, a acessibilidade deixa de ser apenas uma ferramenta instalada em um site ou aplicativo e passa a fazer parte da postura da organização diante da diversidade de linguística e humana.

### **5. Na visão de vocês, por que a acessibilidade digital ainda é um grande desafio, mesmo com tantos recursos tecnológicos disponíveis?**

A acessibilidade digital ainda é um grande desafio porque o problema não é apenas tecnológico. A tecnologia já avançou muito, mas ainda existem barreiras culturais, organizacionais e políticas. Muitas instituições continuam tratando a acessibilidade como um favor, uma adaptação extra ou um custo, quando na verdade ela é um direito.

Outro ponto importante é o desconhecimento sobre a comunidade surda e sobre as Línguas de Sinais. Muitas pessoas acreditam que basta ter um texto escrito em um site para que a informação esteja acessível. Mas essa visão ignora que a Libras tem estrutura gramatical própria e que o português, para muitas pessoas surdas, é uma segunda língua. Por isso, a acessibilidade para pessoas surdas não pode ser pensada apenas como leitura de texto escrito.

Também existe uma distância entre norma, discurso e prática. Hoje há diretrizes, pesquisas, leis e tecnologias disponíveis, mas muitos sites e plataformas ainda apresentam barreiras básicas de navegação. Isso mostra que a acessibilidade precisa deixar de ser uma ação pontual e passar a fazer parte da cultura, da estratégia e da responsabilidade das organizações.

### **6. O app de tradução entre línguas orais e línguas de sinais é bastan-**

**te conhecido, assim como os plugins para sites. Como foi o processo de desenvolvimento dessas tecnologias? Quais foram os principais desafios encontrados e quais soluções vocês consideram mais importantes?**

Um dos maiores desafios sempre foi lidar com a complexidade de uma língua de modalidade visuoespacial. Traduzir de uma língua oral escrita para uma Língua de Sinais não é apenas trocar palavras por sinais. É necessário considerar estrutura gramatical, contexto, escolhas lexicais, expressões faciais, movimentos corporais, espaço de sinalização e outros elementos que fazem parte da comunicação em Libras.

Na tradução automática para Línguas de Sinais, o processo envolve diferentes etapas: captura do conteúdo, processamento linguístico, reorganização para a estrutura da Língua de Sinais e apresentação por meio de um tradutor 3D (o Hugo ou a Maya). Esse caminho exige integração entre tecnologia, linguística, design, animação e curadoria humana.

Uma das soluções mais importantes foi trazer especialistas para dentro do processo. A presença de pessoas surdas, linguistas, educadores, tradutores e intérpretes é fundamental para que a tecnologia não seja apenas uma resposta técnica, mas uma solução com sentido linguístico e cultural. A IA pode ajudar a ganhar escala, mas a qualidade depende de pesquisa, validação, atualização e escuta constante da comunidade surda.

**7. A Hand Talk investe em soluções criativas, como personagens-intérpretes 3D (como Hugo e Maya) e o uso de inteligência artificial. Como é feita a concepção desses personagens e o treinamento dos modelos de IA que os fazem “traduzir” e se movimentar?**

Os tradutores virtuais da Hand Talk, como o **Hugo** e a **Maya**, são pensados para representar visualmente a sinalização de forma clara, amigável e acessível. Em Línguas de Sinais, o corpo, as mãos, o rosto e o espaço têm papel linguístico. Por isso, a concepção de um tradutor sinalizante exige cuidado com expressões faciais, movimentos, configuração de mãos, ponto de articulação, orientação, fluidez e visibilidade.

A tecnologia da Hand Talk utiliza inteligência artificial (IA) e processamento linguístico para transformar conteúdos escritos ou falados em sinalização apresentada pelos tradutores 3D. Esse processo envolve análise do conteúdo, interpretação do contexto, reorganização linguística e seleção de sinais adequados para a animação.

Ao mesmo tempo, é importante destacar que a tecnologia não funciona sozinha. A curadoria humana é parte essencial desse processo. Pessoas especialistas

em Línguas de Sinais, incluindo profissionais surdos, participam da validação e atualização dos sinais, ajudando a garantir que a sinalização faça sentido para a comunidade usuária. A IA, nesse caso, não substitui a experiência humana: ela amplia a capacidade de acesso quando é construída com responsabilidade, revisão e participação de quem vive a língua.

### **8. O Brasil é um país múltiplo e diverso, e a Libras apresenta grande variação regional, etária e comunitária. Em relação à curadoria dos sinais utilizados nas soluções da Hand Talk, quais são os critérios de qualidade, representatividade e atualização desses dados?**

A variação linguística é uma característica natural da Libras, assim como acontece com qualquer língua viva. O Brasil é um país muito grande, diverso e marcado por diferenças regionais, culturais, geracionais e comunitárias. Por isso, a curadoria dos sinais é uma das partes mais importantes e também mais desafiadoras do trabalho da Hand Talk.

A Hand Talk conta com uma equipe de linguística formada por profissionais surdos e ouvintes, incluindo linguistas, educadores, especialistas em Libras e profissionais com formação em Letras-Libras. Parte dessa equipe também tem experiência direta na educação, em cursos de Libras para pessoas ouvintes, na produção de conteúdos acessíveis e no contato com diferentes realidades da comunidade surda. Essa vivência é fundamental, porque muitos desafios que já aparecem nas interações presenciais também surgem, com ainda mais complexidade, no ambiente digital e nas tecnologias baseadas em inteligência artificial.

O trabalho de curadoria envolve analisar cada sinal com muito cuidado: de onde ele vem, em que contexto pode ser usado, quais sentidos pode assumir, quais regiões o utilizam, se há variações conhecidas e se o sinal é adequado para determinado conteúdo e contexto. Esse processo é sempre orientado por referências e registros existentes. A equipe consulta glossários, materiais acadêmicos, dicionários, bancos de sinais, produções da comunidade surda, registros institucionais e usos reais da Libras. Ou seja, não se trata de inventar sinais ou decidir com base em achismo, mas de pesquisar, comparar, registrar e validar os sinais com responsabilidade linguística.

Esse processo não é simples, porque a Libras possui muitas variações e o Brasil tem uma grande diversidade de sinais em circulação. Por isso, a equipe responsável organiza o banco de dados linguístico, registra anotações, classifica sinais por categorias, observa contextos de uso e acompanha atualizações necessárias. Esse cuidado ajuda a IA a ser treinada com mais qualidade, mas sempre com acompanhamento humano especializado.

Em muitos casos, é necessário escolher sinais que tenham maior possibilidade de compreensão nacional, principalmente em soluções digitais usadas por públicos amplos. Ao mesmo tempo, a Hand Talk reconhece que as variações regionais não devem ser apagadas. Elas fazem parte da riqueza da Libras e precisam ser estudadas, registradas e respeitadas. O desafio é equilibrar acessibilidade ampla, qualidade linguística, responsabilidade tecnológica e respeito à diversidade da comunidade surda.

### **9. Existem planos de expansão para outras línguas orais e para outras línguas de sinais, além da Libras? Se sim, quais são as prioridades ou próximos passos?**

Sim. A Hand Talk já ultrapassou o campo exclusivo da Libras e vem ampliando sua atuação para outras Línguas de Sinais. A expansão para a **ASL**, American Sign Language (Língua de Sinais Americana), foi um passo importante nesse processo de internacionalização, permitindo que o Hugo e a Maya também chegassem a usuários de outros países. Além disso, o aplicativo já conta com **BSL**, British Sign Language (Língua de Sinais Britânica), ainda em versão beta, o que mostra que a empresa segue avançando na ampliação de suas soluções para diferentes comunidades surdas ao redor do mundo.

Esse movimento ganhou ainda mais força em 2024, com a aquisição da Hand Talk pela **Sorenson**, uma das principais empresas globais de soluções de comunicação para pessoas surdas e com deficiência auditiva. Essa união ampliou a dimensão internacional da nossa missão e fortaleceu a possibilidade de levar soluções de acessibilidade digital para diferentes comunidades surdas do planeta.

Ao mesmo tempo, essa expansão precisa ser feita com muita responsabilidade. Cada Língua de Sinais tem sua própria estrutura linguística, cultura, história, comunidade e variações. Por isso, não basta traduzir uma solução de um país para outro. É necessário contar com especialistas locais, pessoas surdas, linguistas, intérpretes, educadores e equipes que conheçam profundamente cada língua e cada contexto social.

Assim, os próximos passos envolvem consolidar as soluções já existentes, aprimorar a qualidade linguística, ampliar bases de dados, fortalecer a curadoria humana e desenvolver tecnologias que respeitem as especificidades de cada comunidade surda. A meta é continuar quebrando barreiras de comunicação e acessibilidade, mas sempre com cuidado linguístico, cultural e ético.

### **10. Para finalizar, como a Hand Talk enxerga o papel da inteligência artificial como tecnologia de bem social, especialmente no campo da aces-**

## **sibilidade digital e da inclusão linguística?**

A Hand Talk enxerga a inteligência artificial (IA) como uma ferramenta de ampliação de acesso, autonomia e escala. A internet é enorme, os serviços digitais crescem todos os dias e não há profissionais humanos suficientes para traduzir todo esse volume de informação em tempo real. Nesse cenário, a IA pode atuar como uma aliada importante para reduzir barreiras e aproximar pessoas surdas de conteúdos, serviços e oportunidades.

Mas é fundamental compreender que a IA, sozinha, não resolve tudo. Ela precisa ser desenvolvida com responsabilidade, participação da comunidade surda, curadoria linguística, validação humana, cuidado ético e respeito à diversidade das Línguas de Sinais. A tecnologia deve apoiar a inclusão, e não substituir a presença humana em contextos em que o diálogo, a educação, a mediação cultural e a interpretação profissional são indispensáveis.

Quando bem aplicada, a inteligência artificial pode ser uma tecnologia de bem social porque ajuda a democratizar o acesso à informação. Ela pode tornar sites, aplicativos, serviços públicos, empresas e espaços educacionais mais acessíveis. Para nós, esse é o ponto central: usar a tecnologia para diminuir desigualdades, fortalecer direitos linguísticos e contribuir para uma sociedade mais justa, acessível e inclusiva.